

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
MONICA CRISTINA DREIER

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS:
A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DE INTERIORES SOBRE O BEM -
ESTAR HUMANO.

CASCADEL
2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
MONICA CRISTINA DREIER

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS:
A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DE INTERIORES SOBRE O BEM -
ESTAR HUMANO.

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professora Orientadora: Daniele Brum Souza

CASCADEL

2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
MONICA CRISTINA DREIER

FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS:
A INFLUÊNCIA DA ARQUITETURA DE INTERIORES SOBRE O BEM -
ESTAR HUMANO.

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora e Arquiteta Daniele Brum Souza.

BANCA EXAMINADORA

Daniele Brum Souza
Centro Universitário Assis Gurgacz
Professora e arquiteta e urbanista

Camila Pezzini
Centro Universitário Assis Gurgacz
Professora e arquiteta e urbanista

Cascavel/PR, 23 de maio de 2017

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a interferência da arquitetura de interiores sobre o bem-estar humano, demonstrando a importância de se projetar um ambiente, buscando uma otimização do espaço e proporcionando bem-estar ao usuário. A pesquisa se deu pelo fato de que atualmente o ser humano procura cada vez mais uma melhora na qualidade de vida, tendo em vista que passamos mais da metade do nosso tempo em ambientes internos, a arquitetura de interiores tem sido um instrumento para atingir o bem-estar, através de projetos que valorizam o conforto, tanto físico quanto psicológico. Para a fundamentação dos elementos de análise, o estudo procede-se inicialmente, com a metodologia de revisão bibliográfica, com base em leitura de artigos científicos, textos acadêmicos, livros, e páginas da internet. Os resultados encontrados apontam que um espaço bem projetado, com a escolha correta de elementos e materiais arquitetônicos influenciam na concepção de um ambiente mais acolhedor, salubre e estimulante ao indivíduo.

Palavras chave: Arquitetura de interiores, Bem-estar, Conforto, Ambiente.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quarto de casal, Casa Cor Goiás 2012	26
Figura 2 – Sala de estar	27
Figura 3 – Restaurante Pod – Sem o efeito da iluminação	28
Figura 4 – Restaurante Pod – Com o efeito da iluminação	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS	9
2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS	9
2.1.1 A ARQUITETURA E O ESPAÇO	9
2.1.2 DA CONCEPÇÃO AOS DIAS ATUAIS	9
2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS DA ARQUITETURA E PAISAGISMO	11
2.2.2 SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA.....	11
2.2.3 A ARQUITETURA DE INTERIORES	12
2.2.4 ARQUITETURA PAISAGÍSTICA	13
2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO	13
2.3.1 A CIDADE E O URBANISMO	13
2.3.2 CRESCIMENTO URBANO E PLANEJAMENTO	14
2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	15
2.4.1 TECNOLOGIA E ESTRUTURA	15
2.4.2 EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E CONFORTO	16
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO.....	18
3.1 ORIGEM DA ARQUITETURA DE INTERIORES.....	18
3.1.2 ARQUITETURA DE INTERIORES NO BRASIL	19
3.3 BEM-ESTAR	20
3.4 CONFORTO AMBIENTAL	21
3.4.1 CONFORTO TÉRMICO.....	21
3.4.2 CONFORTO ACÚSTICO.....	22
3.4.3 CONFORTO VISUAL	23
3.5 PSICOLOGIA AMBIENTAL	23
3.6 PSICOLOGIA DAS CORES	24
4. CORRELATOS E ABORDAGENS	26
4.1 QUARTO DE CASAL, CASA COR GOIÁS 2012- CONFORTO	26
4.2 SALA DE ESTAR- CONFORTO TÉRMICO E VISUAL.....	27
4.3 RESTAURANTE POD- INFLUÊNCIA DAS CORES	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O assunto abordado é a arquitetura de interiores e o tema trata de como a mesma pode influenciar o bem-estar físico e Psicológico do ser humano em espaços internos. Através deste trabalho, acredita-se ser possível mostrar às pessoas a importância de se contratar um profissional da área e como uma boa ambientação pode influenciar em uma melhor qualidade de vida.

No meio sócio-cultural o estudo busca demonstrar que arquitetura, beleza, conforto e funcionalidade, devem interagir continuamente, buscando um bem-estar social. No âmbito acadêmico e científico o presente estudo e pesquisa pretendem desencadear novas discussões sobre o assunto, a fim de oferecer subsidio para futuras pesquisas acadêmicas. Por fim, no campo profissional, a pesquisa proporciona base teórica, para profissionais de arquitetura e urbanismo e demais áreas relacionadas sobre métodos de planejar um ambiente, relacionando o conforto ao bem-estar do usuário. Assim têm-se as justificativas do trabalho.

Surge então um problema: Como a arquitetura de interiores pode influenciar no bem-estar e na qualidade de vida do ser humano? Pode-se considerar a hipótese de que a análise e a utilização correta de materiais e elementos arquitetônicos, são capazes de transformar um ambiente construído em algo salubre, acolhedor e estimulante, desta forma, a arquitetura de interiores beneficia o bem-estar e a qualidade de vida do usuário através da otimização do espaço interno.

O objetivo geral do presente trabalho foi apresentar qual a interferência que o ambiente interno construído possui sobre o ser humano, no quesito físico e psicológico. A partir disso, elaboraram-se os objetivos específicos: (i) analisar a importância de se projetar um ambiente; (ii) relacionar a arquitetura de interiores com o bem-estar; (iii) analisar quais elementos da arquitetura devem ser utilizados em um projeto de interiores, a fim de proporcionar um ambiente confortável e ao mesmo tempo funcional; (iv) entender a relação entre material e conforto; (v) discorrer sobre a psicologia das cores e a influência que a mesma possui sobre um ambiente; (vi) analisar espaços internos construídos através da técnica de estudo de caso. (vii) Concluir comprovando a hipótese inicial.

A arquitetura de interiores é uma das áreas de atuação do profissional de arquitetura e tem como função projetar espaços.

O espaço [...] é o habitável, os ambientes em questão, o que existe entre as paredes, o teto e o piso. Elemento essencial da arquitetura de interiores, é o ponto de partida da criação, sem ele não há projeto. São inúmeros os modos de articular o espaço física, visual e até mesmo sonoramente. [...] Se soubermos escolher corretamente os

elementos compositivos, poderemos estimular diferentes sensações, como a de aberto/fechado, livre/enclausurado, seguro/vulnerável, entre tantas outras. (GURGEL, 2010, p. 22).

Porém, para se projetar um espaço é preciso levar em conta o bem-estar de quem vai ocupá-lo.

“Em termos psicológicos, não existe nada que substitua o “bem-estar de quem habita”; entendendo habitar como desfrutar do espaço. O ser humano precisa sentir-se bem no seu habitat, no seu escritório, na loja onde trabalha, na escola onde leciona ou estuda. [...] O entorno que nos cerca, é nossa vida, e ela passa desta forma, ora ali, ora aqui. Assim concluímos que tudo o que nos rodeia é arquitetura. (MANCUSO, 2010, p. 13).

Uma das maneiras de chegar ao bem-estar é através do conforto, segundo Schiffer e Frota (2003, p. 17). “A Arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto [...] O homem tem melhores condições de vida e de saúde quando seu organismo pode funcionar sem ser submetido a fadiga ou estresse [...]”. Para a otimização do conforto no ambiente “O projetista deve trabalhar tendo como referência tudo o que acontece no meio ambiente externo.” (CORBELLA; YANNAS, 2003, p.36).

Com o objetivo de alcançar os resultados desejados, será utilizado referencial teórico obtidos por meio de pesquisas bibliográficas sobre o assunto, em livros, artigos, revistas e sites.

A Pesquisa Científica visa a conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica. O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano. Na vida acadêmica, a pesquisa é um exercício que permite despertar o espírito de investigação diante dos trabalhos e problemas sugeridos ou propostos pelos professores e orientadores. (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 49)

A técnica de estudo de caso também será utilizada, visando uma coleta de dados e assim, melhorar a análise sobre o tema. Para Gil (2008, p.57) “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado [...]”.

2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

2.1.1 A ARQUITETURA E O ESPAÇO

A palavra arquiteto vem do grego e quer dizer, trabalhador ligado a construção de objetos por união de peças (COLIN, 2000, p.21). Entretanto, existe uma diferença entre construção e arquitetura. Os animais são capazes de construir, os humanos, todavia, desenvolveram a arquitetura. Esta, nada mais é do que a arte de construir. (GLANCEY, 2001, p.09). Segundo Netto (1999, p. 20) Podemos retratar a arquitetura como a arte de criar o espaço. “Mas a arquitetura não provem de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mais precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem. (ZEVI, 2000, p. 18).

2.1.2 DA CONCEPÇÃO AOS DIAS ATUAIS

Para compreendermos a sociedade e a arquitetura atual, é necessário termos uma base, um estudo sobre a história da arquitetura, desde os seus primórdios.

[...] Muito do que sabemos sobre as sociedades e civilizações anteriores às nossas, o aprendemos pela observação e análise da arquitetura desses povos; sabemos sobre hábitos, grau de conhecimento técnico, grau de sensibilidade e ideologia através do estudos dos edifícios e ruínas. (COLIN, 2000, p. 22).

Considera-se que a arquitetura surgiu praticamente ao mesmo tempo, no Egito, Israel, Irã e Iraque. Surgiu pela necessidade, das pessoas, de morarem em lugares estabelecidos, com a finalidade de se estabelecerem em uma terra e praticar a agricultura. (GLANCEY, 2001, p.14). Na arquitetura Egípcia, as formas mais utilizadas eram as referentes à horizontalidade e à verticalidade. (PEREIRA, 2010, p. 38). As formas geométricas presentes, atribuem as obras precisas resistência ao tempo e as transformam em símbolo do poder. (NORBERG-SHULZ, 1999. P. 8).

A arquitetura clássica por sua vez, coloca o homem no centro de tudo. A arquitetura Grega, valorizava muito mais o espaço externo do que o interno, visto que o clima possibilitava aos gregos passar muito tempo fora, por isso os corredores externos de colunas eram importantes para a época. (GLANCEY, 2001, P.27).

Na arquitetura romana aparecem pela primeira vez individualmente ou em grandes grupos complexos, vastos espaços interiores. Estes espaços mostram uma grande variedade de formas e as vezes são cobertos as vezes por cúpulas, elementos que até então só haviam desempenhado um papel secundário na construção. Em geral, os romanos trataram o espaço como uma substancia moldável e articulável[...] (NORBERG-SCHULZ, 1999, P. 44).

Já na arquitetura Gótica, o objetivo era “louvar a Deus”, Foi uma tentativa de elevar nossas vidas ao céu, para isso construiu-se as mais altas torres, abóbodas que a tecnologia da época permitiu. (GLANCEY, 2001, p. 53). O Renascimento, como o próprio nome já diz, foi uma busca de reviver a arquitetura clássica greco-romana. Esse estilo foi caracterizado por inovações culturais e científicas. “A utopia se infiltra na realidade mediante alguns edifícios singulares, mediante a abertura de novas ruas e, sobretudo, mediante a criação de novas praças regulares para as representações e festejos públicos.” (PEREIRA, 2010, p. 134).

A arquitetura neoclássica, foi uma maneira de recuperar as formas da arquitetura clássica, tanto nas obras civis quanto nas religiosas, essa arquitetura seguiu padrões dos tempos greco-romanos e até mesmo do Renascimento. Exemplos dessa arquitetura são a igreja de Santa Genoveva, transformada depois no Panteão Nacional, em Paris. (DIAS, 2005, p.24).

Com a chegada da revolução industrial, veio a grande demanda por fábricas, estações, ferroviárias, lojas, bibliotecas, escolas, hospitais, e moradias, com o intuito de atender os operários e a nova classe alta. “Isso significou [...] a produção em massa de novos materiais, e novas maneiras de construir”. (GLANCEY, 2001, p.135).

Produzida durante grande parte do século XX, a arquitetura moderna tinha como principal objetivo renovar a arquitetura, deixar de lado tudo o que já tinha sido feito na área arquitetônica.

O modernismo implicava duas liberdades- a liberdade em face da má saúde ou do mal-estar e a liberdade política. Em sua primeira forma, o modernismo foi, em boa parte, um projeto de esquerda, e sua arquitetura de planta livre desvinculada do detalhe e da associação com regimes autocráticos, que, durante séculos, haviam se apoiado em edifícios pesados [...] Pretendia-se que a primeira liberdade -o bem-estar- fosse construída e expressa na forma exterior dos edifícios, que pretendiam ser brancos, claros, quentes e abertos ao mundo natural: um corpo sadio em uma casa sadia.” (GLANCEY, 2001, p.186).

A arquitetura contemporânea é considerada a produzida entre as décadas 80 e 90 até os dias atuais, é uma arquitetura onde há mistura de estilos projetais de outras épocas. Pereira (2010, p. 312) afirma que é uma arquitetura que tem se refugiado na construção, uma construção precisa e abstrata, e que possui um detalhe construtivo muito bem trabalhado.

2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS DA ARQUITETURA E PAISAGISMO

2.2.1 FORMA E FUNÇÃO

Antes de começar o projeto de uma edificação é necessário definir um uso para tal, uma função que o mesmo terá na sociedade, isso será de total relevância na definição de sua forma. (COLIN, 2000, p. 27).

A forma deve adaptar-se à função, refletir e contribuir para o uso adequado do ambiente em questão. Entretanto, a função não é um determinante absoluto da forma resultante, já que diferentes formas podem atender a uma mesma função[...]. (GURGEL, 2002, p.27).

Com a intenção de uma melhor qualidade arquitetônica, é importante adaptar a estrutura ao ambiente e só depois fazer com que essa forma adapte-se as atividades que o mesmo vai receber. (GRAEFF, 1995, p. 62).

Porém não há forma, nem obra sem que haja um projeto, segundo Montenegro (2001, p.30) é impossível determinar o custo de uma construção, a quantidade de materiais, muito menos o tempo que a mesma levaria para ficar pronta, sem que haja um projeto. E projeto não é apenas um desenho, é uma coisa mais séria, onde o arquiteto - precisa parar, pesquisar, pensar, imaginar e assim por diante.

O desenho é um processo de criação visual que tem propósito. Diversamente da pintura e da escultura, que constituem a realização das visões e sonhos pessoais dos artistas, o desenho gráfico deve ser colocado diante do olhar do público e transmitir uma mensagem predeterminada. (WONG, 2001, p. 41).

2.2.2 SUSTENTABILIDADE NA ARQUITETURA

Hoje em dia a preocupação gira em torno de obras sustentáveis, obras que com medidas corretas podem diminuir os impactos negativos no contexto ambiental e econômico, e com

isso melhorar a qualidade de vida de quem o habita. Segundo Keeler e Burke (2010) o propósito da sustentabilidade deve estar presente já no início do projeto, isso resultara em melhores resultados ao fim da obra.

A arquitetura pretende criar edifícios, onde a finalidade é o aumento da qualidade de vida dos usuários, para isso Os arquitetos e engenheiros devem ter conhecimento sobre a eficiência energética na arquitetura, tanto no projeto quanto nos materiais que são utilizados, com um estudo aprofundado nessas etapas, muitos valores dentro da obra podem ser reduzidos. (LAMBERTS e DUTRA ,1997.p.20)

2.2.3 A ARQUITETURA DE INTERIORES

Uma das áreas da arquitetura, é a arquitetura de interiores, a mesma é responsável por projetar ambientes internos. O elemento principal desse ramo é o espaço, o habitável, tudo o que existe entre a paredes, o teto e o piso. (GURGEL, 2002, p. 22).

“A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai [...] a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele. O importante, porém, é estabelecer que tudo o que não tem espaço interior não é arquitetura. (ZEVI, 2000, p. 24).

O projeto de interiores deve englobar vários elementos, como iluminação, acústica, conforto térmico, entre outros. “Sendo assim, o ambiente precisa ser pensado, planejado, personalizado e partir de escolhas específicas para a sua utilização, os gostos dos moradores, a sua localização e claro, a otimização de espaços.” (PADILHA, 2016).

As formas verticais possuem maior destaque para nossa visão do que planos horizontais e por isso, são mais eficientes para definir um volume no espaço e proporcionar um sentimento de privacidade aos seus usuários, além disso servem como divisor entre os ambientes. (CHING, 1998, P.120).

Para evitar a monotonia de um ambiente, é essencial a presença dentro do mesmo, de elementos que se sobressaiam. Isso tende a deixar o ambiente mais diversificado criando pontos de interesse que atraem nosso olhar. (GURGEL,2002, p.33).

A arquitetura é feita para o homem, e por esse motivo deve atender as necessidades físicas do mesmo, desta forma precisa ser adaptado, gerando conforto, segurança e uma boa vivencia dentro daquele ambiente. As alturas de mobiliários, as larguras em corredores, os

espaços livres em uma sala, tudo precisa estar adaptado as dimensões humanas. (PANERO, 2002, p.19).

Uma área que tem se tornado complemento da arquitetura e principalmente da arquitetura de interiores é a psicologia.

Com a ênfase dos aspectos holísticos do design de interiores, a psicologia da cor passou a ser mais focalizada e, atualmente, sabe-se que as cores afetam a mente e as emoções de diferentes maneiras [...] O vermelho, por exemplo, é a cor da vitalidade, da energia e da agressividade; é brilhante e excitante, mas pode provocar reações físicas reais, como o aumento da pressão sanguínea ou a aceleração dos batimentos cardíacos. O azul, por outro lado, é a cor da paz, da harmonia e da devoção, mas também é, reconhecidamente, a cor que ajuda o indivíduo a se concentrar e aguçar sua mente.(GIBBS, 2009)

2.2.4 ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

“A arquitetura paisagística, como área específica de projeto e planejamento dos espaços abertos fornece [...] melhorias de desempenho de edificação e área urbanas por meio de planos paisagísticos”.(FARAH *et al*, 2010, p. 225).

A fim de amenizar os efeitos causados pelas construções, é necessário cuidar da vegetação com intuito de otimizar o espaço externo. Segundo Filho (2001, p.133) As áreas verdes e espaços livres possuem diversas funções, e podem ser divididas em três grupos, as de valores paisagísticos, valores recreativos, e de valores ambientais.

O ser humano hoje em dia, possui um ritmo de vida mais acelerado e com medo da insegurança das ruas, mantém um estilo de vida mais confinado, o papel do paisagismo tem sido trazer a natureza para perto das pessoas. Em áreas tratadas paisagisticamente os adultos e idosos podem relaxar e se livrar do estresse do dia a dia (ABBUD,2010, p. 33). Além disso, Macedo (2002, p.16) afirma que “Os jardins urbanos são espaços livres fundamentais para a melhoria da qualidade ambiental, pois permitem melhor circulação do ar, insolação e drenagem”.

2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

2.3.1 A CIDADE E O URBANISMO

A cidade, assim como uma obra arquitetônica, é uma construção, uma construção em grande escala. (LYNCH, 1999, p.11). Para Le Corbusier (2000, p.10) Uma cidade moderna é

baseada sobretudo pela linha reta, a construção de edifícios, das ruas, calçadas, etc. A linha reta está em tudo que diz respeito a cidade e em todo ato humano.

Com a expansão industrial, no fim do século XIX, as cidades passaram por um acelerado crescimento, tendo em vista que boa parte da população saiu do campo e mudou-se para as áreas urbanas. Como um instrumento de organização e solução para os problemas causados por esse crescimento surgiu o Urbanismo. (CHOAY, 2000, p.02). “Por extensão, o termo “urbanismo” passou a englobar uma grande parte do que diz respeito a cidade, obras públicas, morfologia urbana, planos urbanos, práticas sociais e pensamento urbano, legislação e direito relativo a cidade. (HAROUEL, 1990, p. 08).

2.3.2 CRESCIMENTO URBANO E PLANEJAMENTO

Em pouco mais de uma geração, o Brasil passou de um país predominantemente agrário, para um país urbanizado. (DEÁK e SHIFFER, 1999).

Essa expansão ocorre de dois modos: de um lado, os bairros das elites, arborizados e dotados de infra-estrutura, com grandes casas imersas em jardins; de outro, o casario composto por construções mais modestas, térreas ou assobradadas, em ruas nem sempre arborizadas, geralmente com ocupação máxima do lote. Já o adensamento ocorre pelo aumento da verticalização preexistente e/ou pelo surgimento de novas áreas verticalizadas, em áreas em geral ocupadas por antigos bairros de elite ou classe média.” (LANDIM, 2004, p. 74)

Para Villaça (2001) uma marcante característica da metrópole Brasileira é a segregação por classe social, é o centro x periferia, onde, o centro é abastado por serviços urbanos, públicos e privados e conseqüentemente ocupado pela elite. A periferia por sua vez, é ocupada pelos excluídos, sendo subequipada e longínqua. “O processo de urbanização se apresenta como uma máquina de produzir favelas e agredir o meio ambiente.” (MARICATO, 2001, p.39).

Grazia (1993, p.25) defende que diante da divisão e dominação que o território urbano se encontra, deveria ser trabalhado e planejado uma outra hipótese para a organização territorial, com o intuito de impedir a exclusão das classes. O planejamento urbano, é uma maneira de planejar o futuro, numa cidade seu objetivo é “a preparação para a gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e ampliar margens de manobra” (SOUZA, 2004, p.46).

O desenho urbano faz parte do planejamento, e é uma forma de reduzir os impactos negativos que essa urbanização desequilibrada provocou no meio ambiente, visando “tratar da cidade de maneira interdisciplinar, preocupada com a sua organização ambiental e seus processos sociais.” (DEL RIO, 2001, p.52).

Porém, para Romero (2001, p.15) o que se vê na cidade é a realização do desenho urbano e da prática da arquitetura feita de qualquer maneira, sem considerar os impactos que isso causa no meio ambiente e na qualidade de vida da população, transformando o meio urbano em algo insalubre e desconfortável.

“A ocupação do solo urbano constitui-se em fator de depreciação da qualidade de vida especialmente nas regiões metropolitanas: excesso de edificações verticalizadas e de áreas impermeabilizadas; a diminuição de áreas verdes e a poluição do ar causam alterações climáticas que provocam o fenômeno ilha de calor, chuvas mais intensas (mudança na distribuição espacial e temporal das chuvas) que agravam o problema de enchentes (a impermeabilização impede a infiltração das águas e aumenta o escoamento superficial)”. (GRAZIA, 1993, p.179).

Lamas (2000, p.68) defende que os cidadãos possuem o direito a lugares adequados, ambientes esteticamente qualificados. Uma melhor paisagem e arquitetura é direito social, e deve ser atendido principalmente pela intervenção do arquiteto. Para isso, o planejamento paisagístico das áreas verdes, e de lugares públicos é fundamental em áreas urbanas.

O desenho dos espaços urbanos deve adaptar-se ao meio ambiente, tal como topografia, revestimento do solo, ecologia, latitude, objetos tridimensionais e clima. A vegetação é uma maneira bastante eficaz na diminuição da temperatura, pois umedece o ar, através de seu processo de fotossíntese. Além de que possuem a influência de renovar o ar em determinado espaço. (ROMERO, 1988).

2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

2.4.1 TECNOLOGIA E ESTRUTURA

Muitas das obras arquitetônicas que encontramos pelo mundo, só foram possíveis graças ao avanço na construção, tanto no sentido da tecnologia quanto dos materiais.

Durante muitos séculos, a pedra foi utilizada como material na construção civil, porém, tornou-se necessário um novo material, com maior facilidade para moldagem e confecção, surgiu então o concreto, porém, mais tarde, precisou-se de algo para vencer grandes vãos,

apareceu o concreto armado, incentivando os estudos sobre o aço, levando mais tarde ao aparecimento do concreto protendido. (BAUER, 1998, p.02).

Das maciças construções em pedra passaram-se às alvenarias de tijolos, das estruturas de aço às estruturas de concreto, e hoje, graças ao avanço da metalúrgica, caminhamos para maiores realizações nas estruturas de concreto protendido, alumínio e mesmo maior leveza das estruturas de aço. (MOLITERNO, 2001, p.01).

Não é de hoje que o concreto tem sido o material mais utilizado na construção civil, Segundo Mehta e Monteiro (1994) na década de 90, o consumo de concreto girava em torno de 5,5 bilhões de toneladas por ano, isso se dá, pelo fato do concreto possuir alta resistência a água e ser de fácil execução, além de tudo é um material barato, se comparado a outros.

Porém, não basta ter um ótimo material, é necessário para um maior aproveitamento do mesmo, um projeto adequado. “A concepção estrutural não é algo aleatório ou apenas produto da vontade de cada um, mas que depende, sim, de fatores externos como estética, custos, possibilidades construtivas, materiais e tantas outras variáveis.” (REBELLO, 2003, p.17).

Bauer (1998, p.02) afirma que para se desenvolver um bom edifício e alcançar os objetivos desejados, é necessário conhecer as forças externas que atuarão sobre o mesmo (vento, clima, etc) e conhecer também as forças internas que irão se originar (tensões), para então escolher um material que irá resistir a tudo isso. “Todos os materiais construtivos utilizados na arquitetura têm propriedades distintas de elasticidade, rigidez e durabilidade. E todos têm uma força máxima além da qual não podem ser distendidos sem que se rachem, se quebrem ou desmoronem.” (CHING, 1998, p.279).

2.4.2 EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E CONFORTO

Um aspecto importante que deve ser analisado em nossos projetos é utilização da tecnologia e dos materiais de construção na otimização dos espaços, transformando-os em ambientes agradáveis. Lamberts e Dutra (1997, p.24) afirmam que os materiais de construção possuem forte interferência sobre o conforto em espaços internos. Por isso deve-se entender as propriedades específicas de cada material, afim de melhor adequá-los ao projeto.

A fim de um melhor resultado no conforto para o usuário, é necessário levar em conta a ergonomia, visual, térmica e acústica no projeto, desde a sua concepção até a sua finalização.

A Arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto, o que abrange o seu conforto térmico. O homem tem melhores condições de vida e de saúde quando seu organismo pode funcionar sem ser submetido a fadiga ou estresse, inclusive térmico. A Arquitetura, como uma de suas funções, deve oferecer condições térmicas compatíveis ao conforto térmico humano no interior dos edifícios, sejam quais forem as condições climáticas externas. (SCHIFFER.R.S,FROTA, 2003, p.17).

O correto posicionamento das portas, janelas, venezianas ou exaustores tem por finalidade ajudar na circulação e permitir uma ventilação interna adequada, melhorando assim a qualidade do ar, e o conforto térmico da edificação. (GURGEL, 2002, p.47).

Silva (2002, p.93) afirma que é responsabilidade do arquiteto, o controle do ruído e a distribuição dos sons dentro do espaço interno construído, isso pode ser feito através do uso correto de materiais e tecnologias da construção, com o propósito de conseguir limitar o ruído dentro dos valores que são tolerados pelo homem.

A escolha de materiais adequados permite transformar um ambiente interno construído em algo salubre, acolhedor e estimulante ao usuário. Dessa forma, o espaço bem projetado influencia o bem-estar no ser humano, e se torna mais confortável, além é claro, de trazer economia para a obra, através de medidas simples.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

3.1 ORIGEM DA ARQUITETURA DE INTERIORES

A arquitetura de interiores é uma das áreas de atuação do profissional formado em arquitetura e urbanismo, “numa acepção mais ampla, significa o planejamento, a organização, a decoração e a composição do layout espacial de mobiliário, equipamentos, acessórios, objetos de arte, etc., dispostos em espaços internos habitacionais, de trabalho, cultura, lazer e outros semelhantes.” (GOMES FILHO, 2006)

A arquitetura de interiores tem como foco de seu trabalho o homem e tudo que diz respeito ao seu modo de viver, um profissional da área deve estudar todo os fatores na hora da concepção do projeto a fim de proporcionar ao mesmo conforto e bem-estar dentro do espaço. E por espaço, consideramos o habitável, o que existe entre as paredes, o teto e o piso, e é considerado o ponto de partida do projeto de interiores. (GURGEL, 2002).

“Imagina-se que a ideia de “melhorar” as condições do espaço onde se vive vem desde os primórdios da humanidade, quando os homens das cavernas começaram a “ajeitar” as coisas no “ambiente”, para se sentirem mais “confortáveis”. (GALESSO, 2014). Porém, não analisaremos épocas tão distantes, segundo Gibbs (2009) no século XVII, na Itália, se estabelecia na arquitetura de interiores o estilo barroco e sua exuberância em ornamentos, a partir daí o estilo se difundiu por toda Europa. Ainda durante o século XVII, Luís XIV encomendou a arquitetos, intervenções no palácio de Versalhes, os aposentos foram projetados pelo arquiteto Louis Le Vau e decorado extraordinariamente por Charles Le Brun, sendo considerado o primeiro decorador de interiores da história.

Porém, segundo Galesso (2014), foi a Revolução Industrial (XVIII E XIX) que possibilitou a evolução do design, do mobiliário e da decoração. A produção em massa de máquinas, objetos, mobiliários, tecidos, acessórios e centenas de outros produtos causa uma mudança no modo de consumir, os consumidores da classe média agora com mais dinheiro passam a utilizar da decoração que até então era restrito apenas a nobreza. Para Tobler (2016) no Século XVIII, o que predominou foi o rebuscado e exuberante estilo Rococó, considerado um desdobramento do barroco. Embora sejam parecidas, o estilo Rococó deixou de usar as cores chamativas e vibrantes do Barroco, porém continuava carregado de exageros bem planejados.

Para Gibbs (2009) durante o século XIX, houve uma competição entre diferentes estilos, o que fez com que a arquitetura e a decoração fossem cada vez mais excessivos na Europa e

Estados Unidos. Como uma reação ao exagero dos interiores rebuscados, ressurgiram estilos mais limpos e simples. No final desse mesmo Século, surge na Europa um estilo original e complexo de decoração, denominado Art Nouveau, caracterizado pelas formas curvilíneas e a assimetria, esse estilo influenciou a arquitetura e a decoração de diversos países. Outro estilo que marcou o século XIX foi o Beaux Arts, surgido nos Estados Unidos, era um estilo que combinava vários outros, porém priorizava o conforto e harmonia. A partir de então, arquitetos de interiores tiveram que se capacitar, para associar seus projetos as novas tecnologias.

De acordo com Pissetti e Souza (2011) o Art Déco foi um estilo decorativo extravagante, que surgiu na França e atingiu seu auge entre as guerras do Século XX. O estilo foi visto pela primeira vez na Exposição de Artes Decorativas e Industriais Modernas, realizada em Paris em 1925. Durante a década de 30 o Art Déco foi substituído pelo movimento moderno, manifestado na escola de design alemã, Bauhaus, a escola preservava o funcionalismo, e por isso defendia o uso restrito de cores, ornamentos e características tradicionais da arquitetura. Foi sem dúvida durante o século XX, com o distanciamento entre o projeto arquitetônico e o de interiores em edificações, que a profissão de decorador de interiores surgiu. (GIBBS, 2009).

O que até então era área de amadores, passa a ser uma profissão reconhecida, a arquitetura de interiores passou por muitas mudanças para se adaptar as exigências do presente. Segundo Zanettini (2002) tendo atualmente como características a utilização de matérias-primas ecológicas em virtude da sustentabilidade, o uso da liberdade, o desenvolvimento do estudo da psicologia das cores nos ambientes, desenhos orgânicos e a utilização cada vez mais frequente de tecnologias limpas, que proporcionam menos desperdícios, menos poluição, e menos agressão ao meio ambiente.

3.1.2 ARQUITETURA DE INTERIORES NO BRASIL

A arquitetura de interiores, chegou ao Brasil a partir da chegada da família real, no início do século XIX. Com a necessidade de manter o mesmo padrão de vida de Portugal a família real ordenou a vinda de mobiliário, acessórios, tapetes, tecidos, entre outros. (Galesso, 2014).

Porém, segundo Ribeiro (2010) foi entre as décadas de 1940 e 50 que a arquitetura de interiores começou a progredir, até então, segundo Mancuso (2010) as casas eram apenas mobiliadas, a sala de visitas era usada apenas para dias de festas, os dormitórios possuíam

apenas uma função, dormir, e a cozinha funcionada de diversos modos. Ainda assim, até as décadas de 60, a contratação de um profissional do ramo de decoração era um serviço para poucos, somente uma elite muito exclusiva possuía acesso ao trabalho dos decoradores, antiquários e marcenarias personalizadas. (GALESSO, 2014).

Segundo Ribeiro (2010) a partir dos anos 60, houve uma democratização na arquitetura de interiores para outras classes sociais, nomes como Sérgio Rodrigues, Joaquim Tenreiro e o IADÊ (Instituto de Arte e Decoração, fundado em 1959) foram os que aos poucos ajudaram nessa democratização. Passou-se na década a utilizar uma linguagem menos “Rococó” ou clássica, e mais coeso com o pensamento modernista que reinava na época, esse processo contribuiu então para o barateamento de projetos, móveis e objetos, embora alguns profissionais ainda utilizassem com a elite milionário, a linha luxuosa e clássica. Foi somente entre os anos 70 e 80 que surgiram os primeiros cursos de formação específica da área. Em 1987, ocorreu em São Paulo a primeira Casa Cor, se instaurando rapidamente como a maior mostra de arquitetura e decoração do país.

3.3 BEM-ESTAR

Segundo Padilha (2016) não é de hoje que o ser humano vive buscando uma maneira de melhorar de vida e de crescer socialmente, tudo isso com o objetivo de garantir uma melhor qualidade de vida. Essa qualidade de vida está atrelada com o “viver-bem”, ou seja com o bem-estar, seja em moradias, restaurantes, hospitais, lojas, transportes, viagens, etc.

O bem-estar é um conjunto complexo e está relacionado a atributos físicos, como corpo e mente e é reconhecido como bem-estar objetivo, e com atributos emocionais e sociais (bem-estar subjetivo). Os elementos que auxiliam no bem-estar são universais e variam de pessoa para pessoa, cultura para cultura, porém pode-se dizer que o ambiente natural oferece o máximo dos elementos para o bem-estar. (PLANET UNDER PRESSURE, 2012)

Para Mancuso (2010) nada supera o “bem-estar de quem habita”, ou seja, que todo ser humano precisa sentir-se bem no seu habitat, seja ele uma casa, escritório, escola, loja, restaurante, etc. Nesta perspectiva, Zaleski (2006) afirma que:

Homem e ambiente convivem num processo de interdependência, criando uma ligação íntima entre os processos psicológicos de percepção do espaço e os processos de criação desse espaço. Ainda, a maneira pela qual o homem modifica o ambiente é hoje um tema de muita relevância, pois os espaços são expressões culturais do homem ao mesmo tempo em que são suportes espaciais para a construção de sua identidade. Assim, é de extrema importância que o arquiteto ou o

profissional que atua no ambiente compreenda como os materiais que participam desse ambiente têm influência na percepção do conforto. (ZALESKI, 2006)

O “bem-estar” é uma necessidade humana e o conforto uma condição para alcançá-lo (RYBCZYNSKI apud ZALESKI (2006). Logo, se faz necessário que o arquiteto de interiores, planeje e desenvolva um ambiente de modo a gerar esse conforto, seja ele térmico, visual ou acústico, proporcionando assim o bem-estar ao usuário do espaço.

3.4 CONFORTO AMBIENTAL

De acordo com Scopel (2015) o conforto ambiental é um dos meios mais importantes para proporcionar o máximo de conforto para os usuários de um espaço ou edificação. O mesmo tem por objetivo proporcionar condições propícias de habilidade, utilizando coerentemente os recursos disponíveis, valorizando primeiramente a utilização de recursos naturais através de boas decisões projetuais. O conforto ambiental das edificações pode ser entendido como um estudo da adequação ao uso do homem, respeitando condições térmicas, acústicas e visuais.

Planejar um projeto dando a importância necessária ao conforto ambiental, proporciona um ambiente mais agradável e salubre, além de gerar economia de energia.

3.4.1 CONFORTO TÉRMICO

Desde o início dos tempos, o homem procura abrigo como forma de se proteger das intempéries da natureza, com o objetivo de obter o bem-estar, que de acordo com Ribeiro (2008) é uma característica proveniente do conforto térmico.

Segundo Scopel (2015) o conforto térmico pode ser definido como um aglomerado de variáveis térmicas que influenciam o usuário em determinado local, sendo assim é considerado um fator importante que interfere direta ou indiretamente na saúde e bem-estar dos usuários e no rendimento e realizações de tarefas. Para Ruas (1999) o conforto térmico em determinado ambiente, é consequência da combinação satisfatória da temperatura radiante média (trm), temperatura do ambiente (ta), umidade relativa (UR) e velocidade relativa do ar (vr) juntamente com as atividades que serão desenvolvidas no local e com a vestimenta usada pelas pessoas. Schiffer e Frota (2003) acredita que:

A Arquitetura deve servir ao homem e ao seu conforto, o que abrange o seu conforto térmico. O homem tem melhores condições de vida e de saúde quando seu

organismo pode funcionar sem ser submetido a fadiga ou estresse, inclusive térmico. A Arquitetura, como uma de suas funções, deve oferecer condições térmicas compatíveis ao conforto térmico humano no interior dos edifícios, sejam quais forem as condições climáticas externas. (SCHIFFER E FROTA, 2003, p. 15).

Por isso, Scopel (2015) afirma que o conforto térmico é um elemento que necessita atenção em projetos de interiores, principalmente na fase projetual, onde é necessário analisar a orientação solar e a zona climática a que a localização pertence, visando um melhor posicionamento de aberturas, brises e planos de vidro, a fim do aproveitamento de fontes de energias naturais, como ventilação e iluminação, proporcionando um ambiente mais saudável e causando uma melhora na qualidade de vida do ser humano.

3.4.2 CONFORTO ACÚSTICO

Atualmente na sociedade, o ser humano está exposto a diversos estímulos sonoros provenientes de atividades variadas. Esses estímulos variam tanto, que seus efeitos podem ir de desconforto a perdas auditivas. (SCOPEL, 2015). A acústica está diretamente relacionada ao som, que simplifiadamente “tem sua origem na vibração de um objeto, provocando a vibração de partículas do meio e sendo capaz de ser captado pelo ouvido humano.” (SOUZA et al, 2012). Entre os tipos de sons, destacam-se os barulhos e os ruídos.

De acordo com Greven *et al* (2006) o ruído pode ser caracterizado como sendo a sensação psicológica resultante de um ou mais sons desagradáveis ao ouvido humano. “Os ruídos, além de prejudicar diretamente o aparelho auditivo e o cérebro, podem agir sobre alguns outros órgãos, às vezes por ação reflexa, perturbando as funções neurovegetativas, com implicações no funcionamento orgânico”. (SILVA, 2002, p.03).

Segundo Carvalho (2010) o conceito de conforto acústico está ligado ao tratamento acústico que consiste em medidas que podem ser tomadas em determinado ambiente, afim de fazê-lo permanecer dentro do limite de ruídos toleráveis pelo homem, tornando o local agradável e aconchegante. Por esses fatores, considera-se necessário que haja um estudo sobre os possíveis emissores de sons em um ambiente, tanto internos quanto externos, para que desse modo possa ser planejado um projeto adequado, afim de controlar ruídos e proporcionar um conforto acústico para o usuário do local. Para Gurgel (2002) a escolha correta de elementos e materiais de revestimento, juntamente com o posicionamento apropriado de janelas e portas podem facilmente controlar ou até mesmo evitar ruídos dentro de ambientes construídos.

3.4.3 CONFORTO VISUAL

A luz sempre foi essencial para o homem, fonte de orientação no espaço, é também de suma importância na realização de tarefas e afazeres. Atualmente, o ser humano possui dois tipos de fontes de iluminação, a luz natural, proveniente do sol e a artificial produzida pelo homem por meio de refletores ou qualquer outra fonte elétrica.

Gurgel (2002) afirma que para iluminar nosso espírito precisamos da luz do sol, para ela pouca luz natural nos deprime e entristece e quanto mais luz natural inserirmos aos ambientes, mais proveitoso será a atmosfera criada. Porém, segundo Lopes (2006) visto que não dispomos de luz natural 24 horas por dia, se faz necessário a utilização de um sistema integrado de iluminação natural e artificial para que haja um melhor aproveitamento de ambas, além de garantir um ambiente mais agradável aos seus usuários.

Segundo Mancuso (2010) em todo projeto de interiores, o nível de iluminação deve ser cuidadosamente equilibrado, uma iluminação deficiente pode provocar a sensação de cansaço, sonolência e dores de cabeça. Por isso segundo Lamberts, *et al* (1997) um bom projeto de iluminação deve balancear a quantidade e qualidade de iluminação do ambiente, bem como escolher corretamente a fonte de iluminação, seja ela natural ou artificial, causando assim um conforto visual aos usuários do ambiente.

Ainda de acordo com Lamberts *et al* (1997) conforto visual é a existência de um conjunto de condições favoráveis, em um determinado ambiente, no qual o ser humano pode desenvolver suas tarefas visuais com o máximo de facilidade e precisão visual, tendo como objetivo o menor esforço, com menor risco de prejuízos à vista e com reduzidos riscos de acidentes.

3.5 PSICOLOGIA AMBIENTAL

De acordo com Evans & Mc Coy (1998) apud Ornstein (2005) um projeto de interiores incompleto e mal planejado, pode provocar um impacto negativo no bem-estar de seus usuários, principalmente no que diz respeito a saúde física e mental. Segundo Verdugo (2005) com o intuito de melhorar essa interação ambiente-comportamento, surge na psicologia uma nova área, a psicologia ambiental.

A psicologia ambiental segundo Ornstein (2005) tem como principal objetivo entender como ocorre as relações entre usuário e ambiente. A psicologia ambiental está relacionada diretamente com a arquitetura de interiores, principalmente nas etapas de planejamento de

ambientes, ao se pensar no programa de necessidades e também no momento de formular alternativas de estudos preliminares e ante-projetos, nessa etapa o homem é considerado o centro do ambiente e deve ter suas necessidades e satisfações atendidas.

Segundo Elali (1997) tendo em vista esses aspectos, cada vez mais, a arquitetura tem deixado de lado aspectos estéticos, funcionais e construtivos e tem se preocupado com a percepção e satisfação que esse ambiente proporcionara aos seus usuários, elaborando propostas mais focadas no indivíduo. Pois, como acredita Fuão (2003) o sentido do espaço da arquitetura, não está na arquitetura, nem na relação do cheio e vazio, menos ainda nas paredes, o sentido da arquitetura está na experiência das pessoas, está no interior de quem o vivencia.

3.6 PSICOLOGIA DAS CORES

Atualmente muito tem se utilizado das cores como forma de transmitir diferentes sensações, sendo a mesma utilizada em ambientes, produtos, roupas, moveis, etc, com a intenção de melhorar o aspecto. “A cor nada mais é do que uma percepção que o cérebro recebe, e a cada nova cor um novo estímulo acontece e assim sequencialmente.” (PINHEIRO E SCHWENGBER, 2016).

Para Gurgel (2002) a cor possui diversas funções dentro de um ambiente, ela tem o poder de influenciar nosso estado de espírito, modificar visualmente as proporções de um ambiente, fazer-nos sentir mais frio ou calor, criar pontos de interesse, entre diversas outras funções.

Segundo Gibbs (2009) a psicologia das cores passou a ser mais utilizada em projetos de interiores, visto que a cor pode afetar a mente e as emoções. Cada cor possui um tipo e vibração que é transmitida para o indivíduo causando reações físicas e emocionais. Um exemplo disso, são as cores vermelho e azul, o vermelho é a cor da vitalidade, da agressividade e da energia, é excitante, é a cor que mais se destaca no ambiente, mas pode motivar reações físicas reais, como o aceleração dos batimentos cardíacos e o aumento da pressão sanguínea. O azul por outro lado, é a cor da harmonia, da paz, é reconhecidamente como uma cor que ajuda o indivíduo a se concentrar, mas pode fazer com que os usuários de determinado local sintam frio. Segundo Mancuso (2010) a cor influencia muito na personalidade do indivíduo e por isso uma pessoa tende a viver melhor quando rodeada por cores apropriadas para suas tarefas do dia a dia.

Por ser um elemento de grande importância na arquitetura de interiores, é necessário ter em mente que o significado de cada cor varia de acordo com a cultura de cada indivíduo, o que para uns pode ser considerado a cor da tristeza para outros pode significar prosperidade e elevação. Por isso torna-se extremamente necessário um estudo e avaliação das influências religiosas, culturais e sociais envolvidas no projeto. (GURGEL, 2002).

4. CORRELATOS E ABORDAGENS

4.1 QUARTO DE CASAL, CASA COR GOIÁS 2012- CONFORTO

Esse quarto de casal, assinado pela arquiteta Priscila Rassi e demonstrado na casa cor de Goiás em 2012, proporciona um sentimento de bem-estar no usuário. A utilização de tecidos, tapetes felpudos e macios e estofados volumosos causam uma sensação que remete ao conforto, ao aconchego, com um toque suave e romântico. (HUMBERTO, 2012).

Figura 1- Quarto de casal, Casa Cor Goiás 2012



Fonte: <http://www.arquitetosepaisagistas.com.br/2012/06/04/quarto-de-casal-na-casa-cor-goias-2012/>

A escolha desse ambiente se deu pelo fato de podermos analisar nele o efeito que os materiais de acabamento proporcionam. Pois, assim como afirma Zaleski (2006) apud Padilha (2016).

Contudo, independentemente da escolha, os materiais de acabamento das superfícies tendem a dar forma e significado ao espaço, e é difícil não perceber o impacto e a importância deles. As características de qualquer material, entre elas a expressada pela sua cor, textura, acabamento, calor e respostas inerentes à luz, por exemplo, fazem muitas vezes com que a percepção do conforto seja mais intensa, e esse fato, associado também a outros fatores fisiológicos e psicológicos, acaba por determinar as verdadeiras preferências dos usuários. (ZALESKI apud PADILHA, 2016).

Nesse projeto, os elementos com tons amadeirados, proporcionam a impressão de um ambiente mais aconchegante e quente. A utilização das cores branco, bege e prata, proporcionam a sensação de relaxamento e por isso são cores ideais em dormitórios. Além disso, o espelho com iluminação indireta faz com que o quarto pareça maior, ampliando os 37 m² do dormitório.

4.2 SALA DE ESTAR- CONFORTO TÉRMICO E VISUAL

De acordo com Dêgelo (2016) essa sala faz parte da casa de 305 m² com estrutura de concreto armado, em São Paulo, projetado pelo Dt.estudio, para uma família com dois filhos. Na sala, assim como em toda a casa há paredes com material bruto, alvenaria de tijolo aparente revestidas com telhas metálicas. A escolha desses materiais visa obter um melhora no conforto térmico nos interiores, a arquiteta responsável Thais Aquino ressalta que “A partir do resultado, definimos o posicionamento da construção no terreno e as aberturas nas fachadas, que foram feitas para privilegiar a entrada de luz natural e a vista para a mata”

Figura 2- Sala de estar



Fonte: <http://revistacasaedjardim.globo.com/Casa-eJardim/Arquitetura/noticia/2016/05/casa-mistura-concreto-tijolos-aparentes-e-telhas-metalicas-em-busca-de-conforto-termico.html>

O ambiente foi analisado visando servir de subsidio para o estudo de caso, com ênfase no assunto conforto, que posteriormente será produzido nessa pesquisa. Se destaca nessa sala a utilização de pé-direito alto e o uso de diversas aberturas com vidros pivotantes e fixos que possibilitam um sistema de ventilação cruzada e deixam entrar a luz solar em diferentes horários do dia. Além disso, o espaço está integrado com a área externa através de uma grande porta de correr. O fechamento com telhas metálicas proporcionam o isolamento térmico da sala assim como da casa, o que se torna uma medida sustentável, visto que não há a necessidade da utilização de equipamentos eletrônicos, como ar-condicionado, além de deixar os ambientes frescos no verão e agradável durante o inverno.

4.3 RESTAURANTE POD- INFLUÊNCIA DAS CORES

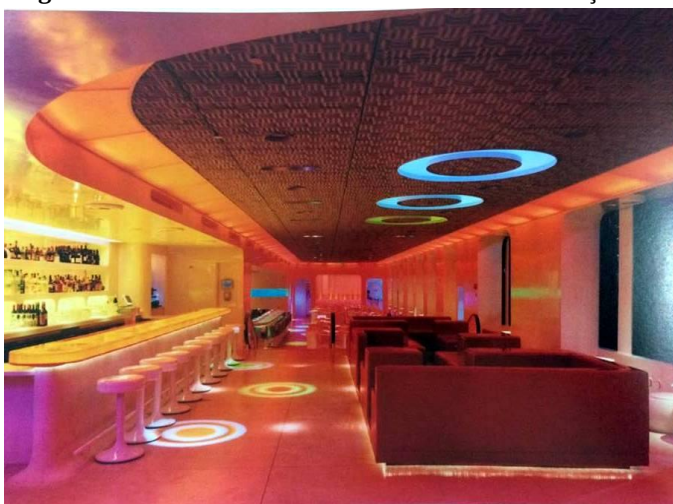
Situado na Filadélfia, Pensilvânia, o Restaurante Pod foi projetado por David Rockwell. Inspirado pelo retro modernista, Pod é um espaço todo branco e pintado através de luzes coloridas, que foram segundo Gibbs (2009) utilizadas para diferenciar os ambientes: laranja vivo para a área de jantar e amarelo intenso para o espaço do bar.

Figura 3- Restaurante Pod- Sem o efeito da iluminação.



Fonte: <https://segd.org/content/pod-restaurant>

Figura 4- Restaurante Pod – Com o efeito da iluminação.



Fonte: Livro Design de interiores, guia útil para estudantes (2009)

Entre as características de design que tornam Pod único, estão as paredes de epóxi branco de alto brilho e o teto com espuma acústica. Nas projeções de iluminação encontram-se padrões geométricos simples – envoltórios ovais e bordas arredondadas nas janelas e nas aberturas de serviço - funcionam bem contra a coloração moderada. O objetivo geral é causar

uma experiência de comer enquanto permite que um elemento de textura O efeito geral é encorajar a intimidade da experiência de comer enquanto permite que um elemento de textura infunda o espaço. (SEGD, 2015).

A utilização das cores foi o que se destacou e chamou atenção nesse projeto, o arquiteto escolheu duas cores que psicologicamente possuem um significado muito apropriado para tal estabelecimento. Pois de acordo com Mancuso (2010) o amarelo é uma cor com ótima influencia psicológica, tem relação com o atrevimento e bom humor. A cor laranja escolhida para a áreas das refeições, estimula o apetite, esquento o ambiente e proporciona aconchega.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou o assunto arquitetura de interiores e o tema trata de como a mesma pode influenciar o bem-estar físico e Psicológico do ser humano em espaços internos. Diante disso, indagou-se na problematização: —Como a arquitetura de interiores pode influenciar no bem-estar e na qualidade de vida do ser humano?

Através do embasamento teórico, analisou-se que, a arquitetura de interiores tem papel fundamental na busca pelo bem-estar dentro de ambientes, pois considera-se que o bem-estar seja um fator físico e psicológico, dessa forma as relações usuário e ambiente estão relacionadas, sendo assim para atingir o bem-estar, as pessoas necessitam de conforto, precisam se sentir parte integrante do ambiente e se sentir bem dentro do mesmo. Neste sentido, é fundamental projetar um ambiente pensando em quem vai usá-lo, assim, através da utilização adequada de elementos e materiais arquitetônicos, é possível transformam um lugar em algo estimulante, confortável e saudável.

Respondendo ao problema da pesquisa, conclui-se que, todo e qualquer ambiente precisa ser cuidadosamente arquitetado e planejado, para que o objetivo principal seja o conforto do indivíduo que utilizará o espaço e conseqüentemente o bem-estar do mesmo, seja ele proporcionado pelos materiais, cores, iluminação, texturas, entre outros.

6. REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. **Criando paisagens**. 4 ed. São Paulo, Editora: SENAC, 2010.
- BAUER, L. A. F. **Materiais de construção**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1996.
- CARVALHO, Régio P. **Acústica arquitetônica**. 2 ed. Brasília. Thesaurus. 2010.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins fontes, 1998.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo - utopias e realidades: uma antologia**. 2ª Ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000.
- COLIN, Silvio. **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- CORBELLA, O; YANNAS, S. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos**. Rio de Janeiro, Reven, 2003.
- DEÁK, SCHIFFER. **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1999.
- DÊGELO, Marilena. **Casa mistura concreto, tijolos aparentes e telhas metálicas em busca de conforto térmico**. 2016. Disponível em: <http://revistacasaedjardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Arquitetura/noticia/2016/05/casa-mistura-concreto-tijolos-aparentes-e-telhas-metalicas-em-busca-de-conforto-termico.html>. Acesso em: 17 maio de 2017.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Editora PINI Ltda., 2001.
- DIAS, Solange Irene Smolarek. **História da arte**, CAU-FAG, Cascavel-2005.
- ELALI, G. A. **Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar**. Estudos de Psicologia Dossiê Psicologia Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 1997.
- FAG, Faculdade Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel, FAG: 2015.
- FARAH, Ivete. SCHLEE, Mônica Bahia. TARDIN, Raquel. **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.
- FILHO, José Augusto de Lira. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

FUÃO, F. F. **O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?** Arqtexto. Rio Grande do Sul, n.3-4, 2003.

GALESSO, Laerte. **Breve história da decoração.** 2014. Disponível em: <http://www.abra.com.br/artigos/59>. Acesso em: 25 abril de 2017 às 15:00.

GIBBS, J. **Design de interiores: guia util para estudantes e profissionais.** Editora Gustavo Gili, Barcelona, 2009.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GRAEFF, Edgar. **Arte e técnicas na formação do arquiteto.** São Paulo, Studio Nobel, Fundação Vilanova Artigas, 1995.

GRAZIA D.G. **Direito à Cidade e Meio Ambiente/Grazia de Grazia** .Co-edição Fórum Brasileiro de Reforma Urbana, Rio De Janeiro –RJ–Brasil 1993.

GREVEN, H. A; FAGUNDES, H. A. V; EINSFELDT, A. A. **ABC do conforto acústico.** 2ª edição. 2006.

GOMES FILHO, J. **Design do objeto: bases conceituais.** São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

GURGEL, M. **Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais.** São Paulo: SENAC, 2002.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo.** Campinas: Papirus, 1990.

HUMBERTO, F. **Decoração: casa cor goiás 2012 'quarto de casal'.** Revista Estreia. 2012. Disponível em: <http://revistaestreia.blogspot.com.br/2012/05/decoracao-casa-cor-goias-2012-quarto-de.html>. Acesso em: 17 maio de 2017.

KEELER, M.; BURKE, B. **Fundamentos de Projeto de Edificações Sustentáveis.** Porto Alegre: Brookman, 2010.

LAMBERTS, R; DUTRA, L; PEREIRA, F. **Eficiência energética na arquitetura.** PW editores, 1997.

LAMAS, José Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LANDIM, P. C. **Desenho de paisagem urbana: As cidades do interior paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LOPES, Aline C. de Sousa. **Avaliação de duas propostas de sistema de iluminação artificial suplementar ao sistema de iluminação natural existente em sala de aula padrão**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa. 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**. São Paulo: FAU USP, 2002.

MANCUSO, C. **Arquitetura de interiores e decoração**; A arte de viver bem. Porto Alegre: Sulina. 2010.

MARICATO, E. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEHTA, P. K. MONTEIRO, P. J. M. **Concreto: estrutura, propriedades e materiais**. 3ª edição. São Paulo: Pini, 1994.

MOLITERNO, A. **Estruturas em Alvenaria e Concreto** Simples.1.ed. Editora: Edgard Blucher. São Paulo, 2001.

MONTENEGRO, G. A. **Desenho arquitetônico**. 4 ed. Editora Edgard Blucher Ltda. São Paulo, 2001.

NETTO, J. T. C. **A construção do sentido na arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NORBERG-SHULZ, C. **Arquitectura Occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

ORNSTEIN, S. W. **Arquitetura, urbanismo e psicologia ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada**. Psicologia USP, 2005.

PADILHA, B. D. P. M. **Ambientação e conforto: o bem-estar e a arquitetura de interiores**. Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia - 12ª Edição nº 012 Vol.01/2016 Dezembro/2016.

PANERO, Július. **Dimensionamento Humano para Espaços Interiores**. Barcelona: Gustavo Gili SA, 2002.

PEREIRA, J. R. A. **Introdução à história da arquitetura: das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

PETRUCCI, E. **Materiais de construção**. Porto Alegre: Globo, 1998.

PINHEIRO, Daniel, D; SCHWENGBER, E. **As cores em ambientes internos com foco em suas influências sobre o comportamento dos estudantes**. Pós-graduação em Design de interiores. Unoesc, São Miguel do Oeste-SC. 2016.

PISSETTI, R; SOUZA, C. **Art Déco e Art Nouveau: confluências**. Revista imagem, faculdade da serra gaúcha. Nº 1, 2011.

PLANET UNDER PRESSURE. **Bem-estar humano para um planeta sob pressão**. Recomendações para a rio+20. Londres. 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade Feevale, Rio Grade do Sul, 2013.

REBELLO. A. YOPANAN C. P. **Concepção estrutural e a arquitetura**/3.ed. Zigurate-São Paulo, 2003

RIBERIO, Bárbara. **Designer como Marca**, 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. 2010.

RIBEIRO, Luciana. **Conforto térmico e a pratica do projeto de edificações: recomendações para Ribeirão Preto**. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo. Universidade de são Paulo. 2008.

ROMERO. B .A .M A **arquitetura bioclimática do espaço urbano**/Marta Adriana Bustos Romero. Editora Universidade de Brasília, Brasília-DF–Brasil 2001.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípios Bioclimáticos para o Desenho Urbano**. Editora Projeto, 1988.

RUAS, Álvaro César. **Conforto Térmico nos Ambientes de Trabalho**. Fundacentro. 1999.

SCHIFFER. R. S, FROTA. B. A. **Manual de Conforto Térmico** 8.ed. Studio Nobel, São Paulo, 2003.

SCOPEL, V. **Percepção do ambiente e a influência das decisões arquitetônicas em espaços de trabalho.** Arq.urb • Nº 13, 2015.

SEGD, Society for Experiential Graphic Design. A multidisciplinary community creating experiences that connect people to place. 2015. Disponível em: <https://segd.org/content/pod-restaurant>. Acesso em: 18 maio de 2017.

SILVA, P. **Acústica Arquitetônica e Condicionamento de Ar.** Belo Horizonte: EDTAL, 2002.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade: uma introdução crítica do planejamento e a gestão urbanos.** 3ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

SOUZA, L, C; ALMEIDA, M.G; BRAGANÇA, L. **Bê-á-bá da acústica arquitetônica.** 4 edição. Edufscar, São Carlos. 2012.

TOBLER, Alexandra. **Origens da decoração rococó.** 2016. Disponível em: <https://www.westwing.com.br/decoracao-rococo/>. Acesso em: 25 abril de 2017 às 21:00.

VERDUGO, Víctor corral. **Psicologia ambiental: objeto, “realidades” sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento.** Psicologia USP, 2005.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WONG, Wucius. **Princípios de Forma e Desenho.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZALESKI, Caroline Bollmann. **Materiais e conforto: Um estudo sobre a preferência por alguns materiais de acabamento e sua relação com o conforto percebido em interiores residenciais da classe média de Curitiba.** Curitiba, PR: 2006.

ZANETTINI, Siegbert. **Arquitetura, Razão e Sensibilidade.** Edusp - Editora da Universidade de São Paulo. 2002.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura.** Martins Fontes. São Paulo 2000.